



O modo de endereçamento do Globo Repórter

Marília Hughes Guerreiro Costa¹

Resumo

O artigo propõe a análise de um programa de telejornalismo, o *Globo Repórter*, a partir de dois conceitos metodológicos, gênero televisivo e modo de endereçamento. Gênero televisivo nos diz da relação social e histórica que existe entre as formas que o jornalismo assume ao longo do tempo e as sociedades em que elas são praticadas. Por modo de endereçamento se entende o estilo construído pelo programa ao estabelecer uma relação específica com os telespectadores. Refere-se, portanto, àquilo que diferencia um programa dos demais, ao que configura e re-configura o gênero televisivo. Para a análise do modo de endereçamento, são utilizados quatro operadores: o mediador, o contexto comunicativo, o pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática. Aos operadores articularemos ainda três categorias analíticas - informação, narrativa e atração – que também nos diz das estratégias comunicativas empregadas por um programa para atrair e envolver o telespectador. *Globo Repórter* é um dos programas mais antigos da televisão brasileira, ao colocá-lo como objeto da análise espera-se apontar tendências do telejornalismo contemporâneo.

Introdução

A primeira exibição do *Globo Repórter* foi em abril de 1973 e, desde lá, o programa se mantém na grade de programação da emissora. São 35 anos de *Globo Repórter* na televisão brasileira, que, depois do *Jornal Nacional*, é o mais antigo programa de

¹ Realiza Mestrado no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, com orientação da Prof. Dra. Itania Maria Mota Gomes.

telejornalismo da Rede Globo. Atualmente, o programa é exibido em horário nobre, numa frequência semanal, sempre às sextas-feiras, às 21hs45². A cada semana, o *Globo Repórter* aborda um tema diferente, que é desenvolvido em cinco blocos, divididos por intervalos comerciais.

Velho conhecido da audiência, o *Globo Repórter*, de acordo com o site oficial do programa, é um dos produtos jornalísticos mais assistidos da televisão brasileira, com cerca de 30 milhões de telespectadores por programa. Segundo informações do IBOPE, o *Globo Repórter*, entre os programas jornalísticos da TV aberta, perde apenas para o *Jornal Nacional*, considerado o líder absoluto da audiência. Entre os dias 06 e 12 de agosto de 2007, por exemplo, o IBOPE registrou 32% de audiência para o *Globo Repórter* e 37% para o *Jornal Nacional*. Entre os dias 27 de agosto e 02 de setembro de 2007, o *Globo Repórter* alcançou 33% dos domicílios pesquisados e o *Jornal Nacional* se manteve nos 37%.³ Ainda de acordo com o site oficial do programa, o *Globo Repórter* foi feito para suprir uma carência do público por assuntos polêmicos ou de interesse geral, tratados em profundidade. Portanto, o programa promete jornalismo com profundidade.

A proposta do artigo é articular dois conceitos metodológicos, gênero televisivo e modo de endereçamento, para análise do material empírico pretendido, o *Globo Repórter*. Gênero televisivo nos diz da relação social e histórica que existe entre as formas que o telejornalismo assume ao longo do tempo e as sociedades em que elas são praticadas, do que é historicamente e culturalmente construído e socialmente compartilhado como próprio do gênero em questão. A noção de gênero, portanto, é pensada numa relação estreita entre as obras e as sociedades e períodos nos quais foram originadas ou praticadas, mas que existe para além das sociedades e períodos.

² Essas informações estão disponíveis no site oficial do programa: <http://globoreporter.globo.com>.

³ Dados retirados do site www.ibope.com.br, acessado no dia 21 de setembro de 2008.

Nos estudos dos media, a teoria dos gêneros tem sido útil na construção de uma ponte entre produção e recepção. São as regras dos gêneros que configuram basicamente os formatos, e nestes se ancora o reconhecimento cultural dos grupos. Produtores usam certos elementos e convenções do gênero que, em retorno, são aceitos ou não pela audiência. Por outro lado, a audiência orienta sua interação com o programa de acordo com as expectativas geradas pelo próprio reconhecimento do gênero. Na grade de programação de uma emissora de TV, os programas são apresentados num fluxo constante, o reconhecimento do gênero auxilia o receptor a diferenciar um programa de outro, além de posicioná-lo de maneira diferenciada a partir do que está sendo exibido: um telejornal, uma telenovela, um filme, etc. É a partir do conhecimento prévio sobre o que esperar de um determinado gênero que o telespectador direciona a sua leitura assim como a sua avaliação da obra. Para Jesus Martín Barbero (1995), os gêneros televisivos são estratégias de comunicabilidade entre as partes envolvidas, no caso, o programa e os telespectadores. É algo que se coloca entre o produtor e telespectador na processo de recepção. *O gênero é uma estratégia de comunicação, ligada profundamente aos vários universos culturais...O gênero não é só uma estratégia de produção, de escritura, é tanto ou mais uma estratégia de leitura* (Barbero, 1995, 64). Portanto, a noção de gênero que trabalha o autor tem pouco a ver com a velha noção literária do gênero como propriedade de um texto. Para ele, gênero não é algo que ocorra *no texto*, mas sim *pelo texto*, pois é menos questão de estrutura e combinatórias do que de competência.

Se a noção de gênero nos diz das regularidades ao longo do tempo, o conceito de modo de endereçamento, por outro lado, olha para o modo específico com que um determinado programa se relaciona com o receptor. Portanto, por modo de endereçamento se entende o estilo construído pelo programa ao estabelecer uma relação particular com os telespectadores. Conhecendo o modo de endereçamento de um programa, compreendemos a maneira própria com que ele lida com as convenções genéricas (as marcas do gênero) que lhe são impostas e identificamos aquilo que o diferencia dos demais programas quando partes de um mesmo subgênero.

Para a análise do modo de endereçamento de um programa, são articulados quatro operadores: o mediador, o contexto comunicativo, o pacto sobre o papel do jornalismo e a organização temática. Por mediadores entende-se os profissionais, em geral jornalistas, que atuam no programa. O contexto comunicativo envolve o emissor, o telespectador e as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo ocorre. O pacto do papel do jornalismo nos diz da função social do jornalismo enquanto uma prática social que envolve determinadas regras que são socialmente e culturalmente compartilhadas. Portanto, um programa que se apresenta sob o rótulo de jornalístico gera expectativas de certo tipo na audiência. A organização temática nos diz sobre a aposta feita pelo programa sobre certos interesses e competências do telespectador. Vale ressaltar que os operadores não são categorias de análise, uma vez que não são excludentes nem se organizam por regras externas ao programa, são, como sugere Gomes (2006), os “lugares” para onde o analista deve olhar a fim de compreender as suas especificidades. Os operadores em questão foram desenvolvidos a partir do esforço de análise de diversos programas de jornalismo televisivo empreendido pelo Grupo de Pesquisa de Análise de Telejornalismo do Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA.

No artigo, consideramos também os modos comunicativos propostos por Mats Ekstrom (2000), informação, narrativa e atração, categorias analíticas propostas pelo autor que ajudam a identificar estruturas e tendências no jornalismo televisivo contemporâneo. A partir deles, o autor propõe um caminho de análise do modo como programas apelam à audiência. Segundo ele, a diferença entre programas tem muito haver com a extensão do uso desses modos de comunicação. Frequentemente, um domina os outros. Cada um deles aponta diferenças significativas quanto às intenções comunicativas do produtor em relação a audiência presumida para o programa. Portanto, nos diz dos diferentes formatos dos programas e das diferentes estratégias comunicativas por eles empregadas para atrair e envolver a audiência. A vinheta, o cenário do programa, a postura do mediador, o modo como apresenta e compõe os conteúdos, o tipo de conhecimento que será veiculado, tudo isso é pensado de acordo com o modo comunicativo pensado para o programa. Além disso, as estratégias são traçadas a fim de atender às necessidades e propensões distintas da audiência. Cada um dos três modos de comunicação citados posiciona os participantes do processo comunicativo em diferentes papéis. No modo informação, de um lado temos o informante e do outro lado aquele que busca um conhecimento. Entre eles, temos as fontes, ou seja, pessoas que são entrevistadas e detêm um saber. Na narrativa, de um

lado temos o contador de história e do outro aquele que escuta, ouve a história. Entre eles temos os personagens. No terceiro modo, atração, temos o exibidor de um lado e o espectador de outro. Entre eles temos o performance, o exibicionista. Portanto, esses modos são considerados complementares aos operadores de análise do modo de endereçamento, a fim de acessarmos o estilo do *Globo Repórter* e o modo específico como ele se relaciona com a audiência. Para o trabalho de análise, foram consultadas diferentes edições do programa, veiculadas entre 2005 e 2008.

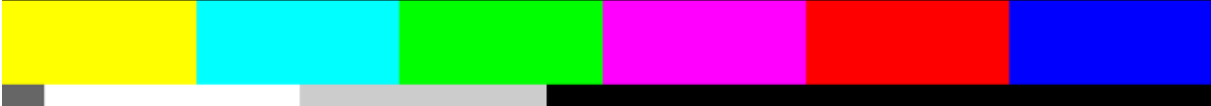
O Globo Repórter: uma análise do modo de endereçamento do programa

Em 2008, o *Globo Repórter* completou 35 anos de exibição. Na edição de aniversário, exibida no dia 04 de abril, Sérgio Chapelin, destaca a sua longa participação no programa: *Boa noite! Estamos de volta às noites de sexta num dia muito especial para o nosso programa.*⁴ *Em abril de 1973, o som agudo de uma guitarra elétrica anunciou pela primeira vez (entra a vinheta que foi exibida na estréia do programa, em 1973). Globo Repórter, 35 anos no ar! Para celebrar o aniversário, o tema que você nos ajudou a escolher. Saúde e qualidade de vida. O assunto mais votado pelas milhares de pessoas que acessaram o nosso site. Quando apresentei o nosso programa pela primeira vez, não imaginava que passaríamos por mudanças tão radicais. E se nós pudéssemos viajar no tempo, encontraríamos um Brasil muito diferente.* Sérgio Chapelin atua no *Globo Repórter* desde a estréia, o que nos permite dizer que ele confere um rosto, ou melhor, uma cara ao programa. Inicialmente, cabia ao Sérgio Chapelin apenas a narração, depois ele passou também a apresentar o *Globo Repórter* no estúdio. Sérgio Chapelin é um profissional que possui longa trajetória na televisão brasileira. Antes de se tornar apresentador do *Globo Repórter*, ele esteve à frente do *Jornal Nacional*, um dos jornalísticos de maior audiência no país. Tal histórico confere credibilidade ao apresentador, uma vez que ele se tornou um antigo “conhecido” da audiência.

⁴ Em 2008, o *Globo Repórter* começou a ser exibido no dia 04 de abril, depois de três meses fora do ar. Durante os meses de janeiro, fevereiro e março, no horário do programa foi exibido a versão 8 do reality show, *Big Brother Brasil*, como parte da programação de férias da Rede Globo.

Colóquio Internacional
Televisão e Realidade


21 a 24 de outubro de 2008 - www.tvrealidade.ufba.br



O *Globo Repórter* exibido hoje abre com uma vinheta de 10 segundos. A primeira imagem é da logo marca do programa, vista de longe, de forma tridimensional, apoiada sobre uma superfície redonda, que simula um planeta. A cor segue uma gradação que vai do azul para o preto. Um deslocamento rápido nos leva para dentro da marca, percorre o interior das letras, circula o globo posicionado no centro da figura. Esse globo se movimenta em torno de seu próprio eixo e numa direção ascendente. O globo é ao mesmo tempo o símbolo da emissora e parte do nome do programa. Após uma volta completa no globo, tal movimento nos leva para o alto, de onde podemos ler *Globo Repórter*. Toda a parte visual é acompanhada pela música *Freedom Of Expression*, que foi gravada originalmente pelo grupo J.B. Pickers. A música é impactante, o som é agudo e alto, funciona como sinal de alerta. Estratégia pertinente ao meio televisivo, cuja recepção, em geral, acontece no ambiente doméstico, marcadamente dispersivo. Através da vinheta, o programa fecha e inicia os blocos, anuncia o fim e o início dos intervalos comerciais. O programa é exibido há 35 anos e a concepção da vinheta (que é pensada a partir da logo marca do programa) e a música se mantiveram a mesma, apesar de terem se modernizado a partir da tecnologia disponível ao longo dos anos.

Logo após a vinheta, aparece Sérgio Chapelin em um plano médio, no estúdio do programa. Na parte inferior do quadro surge o nome do apresentador. O primeiro bloco é o maior de todos no que diz respeito ao tempo de apresentação de Sérgio Chapelin. Ele está vestido seriamente, com terno e gravata. Como um mestre de cerimônias, saúda o telespectador com um formal *Boa Noite*, que é acompanhado por um leve aceno de cabeça. Essa expressão é repetida em todas as aberturas do programa. Em seguida, ele informa o tema e seus desdobramentos, isto é, tudo aquilo que o público vai conhecer naquela noite.

Durante toda a apresentação do *Globo Repórter*, Sérgio Chapelin estabelece com o telespectador uma relação “direta”, olho no olho. Em pé, no estúdio, ele fala em frente à câmera, portanto, para o público. Por vezes, o apresentador aponta o dedo indicador em direção à audiência, como se dissesse *você que está me assistindo*. Esse gesto cria



uma aproximação ainda maior entre o apresentador e o telespectador. De modo análogo à fala, que é pausada, sóbria e sem mudanças bruscas de entonação, os gestos do apresentador são curtos e contidos. Apesar do estúdio do programa ser amplo, o apresentador se movimenta muito pouco pelo espaço. Todo o deslocamento de Sérgio Chapelin é ensaiado e controlado pelo posicionamento das câmeras. Muitas vezes, não é necessário nem que ele saia do lugar, basta uma virada de corpo e sua imagem passa a ser veiculada por outra câmera, com conseqüente mudança de enquadramento. Os movimentos também são planejados de acordo com o tamanho do quadro, num plano fechado, Sérgio Chapelin permanece parado, num plano mais aberto, podemos vê-lo avançar alguns passos em direção ao telespectador. Ele é sempre filmado de frente para a câmera, numa relação olho no olho com a audiência. A câmera também se movimenta, mas de modo suave e lento. A partir de um plano geral, a câmera avança num travelling em direção ao apresentador. Esse movimento de câmera também é acompanhado por um deslocamento dele, que caminha alguns passos em direção à câmera. O conjunto dos movimentos, da câmera e do apresentador, cria efeito de aproximação entre telespectador e programa. Com todas essas preocupações e marcações de cena, não há espaço para o improviso por parte de Sérgio Chapelin.

É através dos enquadramentos que o cenário é explorado visualmente. Através de um plano geral, vemos que no chão, no centro do estúdio, um círculo azul simula o globo terrestre. Azul é a cor do cenário do programa, também a cor usada na representação do planeta terra, do globo terrestre. A imagem do globo criada no cenário do programa é reforçada por uma parede côncava posicionada ao fundo. Essa parede possui linhas que simulam as marcações latitudinais e longitudinais da terra. Nela, existem telas quadradas, de diferentes tamanhos, que exibem algumas das imagens que serão veiculadas pelo programa. A edição dessas imagens é feita a partir do texto verbal do Sérgio Chapelin. As imagens ilustram aquilo que o apresentador anuncia que iremos ver, naquela edição. Na outra extremidade do estúdio, há uma espécie de bancada, com uma forma convexa. Tal bancada difere das tradicionalmente vistas em telejornais diários. Ela serve menos ao apresentador e mais à composição do cenário. Sua presença ajuda a dar forma ao globo terrestre, cenário do programa. A impressão

Colóquio Internacional
Televisão e Realidade

21 a 24 de outubro de 2008 - www.tvrealidade.ufba.br

que temos do cenário, além da relação óbvia com o nome do programa, é a de que o apresentador está no centro do globo terrestre, no meio do mundo, que não há fronteiras para o *Globo Repórter*.

Para fins de análise, foi feito um levantamento de todas as edições exibidas entre janeiro e setembro de 2008⁵. O objetivo foi acessar os assuntos priorizados pelo *Globo Repórter*, que em geral, se debruça sobre um único tema que norteia a construção do programa como um todo. Notamos que os temas pertinentes ao *Globo Repórter* se dividem em quatro categorias ou selos, que são estabelecidos a priori e definem a linha editorial do programa. São eles, aventura, comportamento, ciência e atualidades. Sobre a frequência, eles são abordados num esquema de rotatividade, com pequenas variações. A repetição de enfoques temáticos a cada mês é uma estratégia que se por um lado influi na logística de produção, por outro, familiariza a audiência com o menu ofertado pelo programa. As escolhas temáticas do *Globo Repórter* também nos dizem sobre diferenças entre o programa e outros jornalísticos, como os telejornais diários, no que diz respeito à escolha da informação. O *Globo Repórter*, diferente dos noticiários, não está ligado ao factual do dia ou da semana. Não faz parte da promessa do *Globo Repórter* atualizar o telespectador com o que de mais recente e relevante aconteceu no país e/ou no mundo, nem aprofundar notícias veiculadas em telejornais diários. Além disso, o *Globo Repórter* dedica-se a apenas um tema, enquanto os noticiários são divididos em editoriais e abordam assuntos distintos. Mas existem correspondências entre eles, uma vez que é possível encontrar o enfoque temático do *Globo Repórter* em matérias veiculadas em telejornais diários da emissora.

Qualquer que seja o assunto veiculado no *Globo Repórter*, ele é tratado ou como uma novidade ou como uma exclusividade do programa. *Uma nova descoberta médica:*

⁵ Os temas que foram pautados pelo *Globo Repórter* nos últimos anos podem ser acessados através do site oficial do programa, cujo endereço é o www.globoreporter.globo.br. Lá estão listadas as edições do programa, por dia, mês e ano de exibição.

quem tem amigos corre menos risco de ficar doente⁶. O Globo Repórter revela com exclusividade o resultado assustador de uma pesquisa nacional: dois em cada três brasileiros têm problemas para dormir.⁷ Pela primeira vez, uma equipe de TV brasileira chega às pequenas aldeias das montanhas mais altas do planeta.⁸ Quantas revelações! A ciência derrubou um mito que durou séculos. As células nervosas podem sim se regenerar.⁹ O programa também usa expressões para despertar a curiosidade do público, atrair a atenção do telespectador, que se vê diante de algo novo e inusitado. Nesses casos, a informação é frequentemente oferecida como uma atração, como algo sensacional ou fora do comum. No programa dessa noite você vai conhecer o homem que sabe demais. O milagre da música! Como ela mudou a vida de uma diarista e de seus dois filhos.¹⁰ Dessa forma, o Globo Repórter promete histórias e personagens que escapam ao ordinário e por isso são transformadas em algo importante para ser veiculado.

No selo aventura, encontram-se programas sobre territórios distantes do eixo Rio - São Paulo, principal lugar de fala do *Globo Repórter*. Em muitos programas, o telespectador é convidado a conhecer um país estrangeiro, tratado como desconhecido por ele. Em 2008, foram exibidos os programas *Japão: o país dos mistérios*¹¹, *Os Mistérios da Turquia*¹², *África: o berço da vida*¹³, entre outros. Na abertura de cada um desses programas, Sérgio Chapelin promete ao telespectador uma viagem espetacular. No programa sobre a Turquia, por exemplo, o público é convidado a conhecer *as belezas e os mistérios da região em uma viagem fascinante*. Já o repórter, cabe a ele nos guiar nessa viagem. O telespectador é tratado como um turista

⁶ Globo Repórter exibido no dia 19/09/2008 com o selo comportamento.

⁷ Globo Repórter exibido no dia 22/08/2008 com o selo ciência.

⁸ Globo Repórter exibido no dia 12/09/2008 com o selo aventura.

⁹ Globo Repórter exibido no dia 26/08/2006 com o selo ciência.

¹⁰ Globo Repórter exibido no dia 26/08/2006 com o selo ciência.

¹¹ Globo Repórter exibido no dia 13/06/2008 com o selo aventura.

¹² Globo Repórter exibido no dia 11/07/2008 com o selo aventura.

¹³ Globo Repórter exibido no dia 01/08/2008 com o selo aventura.

que comprou um pacote de viagens. O programa define todas as atrações. Os lugares visitados muitas vezes são conhecidos pontos turísticos dos países, mas para torná-los mais atraentes e especiais aos olhos do telespectador, são tratados a partir de adjetivos como fascinante, surpreendente, incrível, entre outros. Estes são termos empregados pelos mediadores, apresentador e repórter, na atração/sedução do telespectador para que ele embarque nessa viagem através do programa.

Como indica o selo, a própria narrativa é construída a partir de um forte diálogo com os relatos de aventura. Os recursos audiovisuais e retóricos, mais do que informar, buscam produzir efeitos diversos no telespectador. Em programas de viagem, o objetivo é colocar o telespectador na situação, fazer com que ele se sinta participando daquela viagem, capaz de compartilhar as emoções e sensações de quem está pessoalmente no local. No programa *Mistérios da Turquia*, um grupo de turistas passeia de balão pela Capadócia. O programa exhibe imagens aéreas da região. Dessa forma, o telespectador tem acesso ao lugar como se estivesse ali, dentro do balão, voando com o grupo e compartilhando com ele o deslumbramento diante da paisagem exuberante do lugar. O repórter passeia pelas cidades subterrâneas da Turquia. Através de uma câmera subjetiva, o receptor fica colado à percepção do repórter. O clima é de suspense e mistério. A música também cumpre uma importante função nesse sentido. Além disso, há o texto verbal do mediador, ou seja, há todo um conjunto de aspectos audiovisuais utilizados a fim de se alcançar o resultado desejado. Esses recursos servem aos propósitos do programa, que além de seu caráter informativo, apela aos aspectos sensoriais do telespectador. Sob o selo aventura também se encontram programas que abordam a natureza (o que inclui animais, vegetação, rios, etc.) a partir de regiões brasileiras como a Amazônia e o Pantanal, tratadas como exóticas e exuberantes. Nesses casos, a ênfase é colocada no perigo, nos desafios e obstáculos para se alcançar o objetivo desejado, filmar a onça pintada, por exemplo. O repórter aparece como um aventureiro, um desbravador. Nesse enquadre, foi exibido o programa *Diferentes Pantanaís*, descrito como *uma aventura*

no território selvagem mais exuberante do Brasil¹⁴, e o programa *Rainha das Matas Brasileiras*, assim descrito: *o Globo Repórter segue os passos da onça-pintada pelas mais belas florestas do país.*¹⁵

No *Globo Repórter*, grande valor é dado ao saber científico, que aparece numa relação estreita com qualidade de vida. A informação ganha os contornos de uma descoberta que trará conseqüências positivas à vida do telespectador. Com o selo ciência aparecem, principalmente, programas sobre saúde, um tema muito recorrente no *Globo Repórter* e assunto escolhido pelo público, através de votação pela internet, para celebrar os 35 anos do programa. No programa *Novos Velhos*, exibido no dia 27/06/2008, o *Globo Repórter* estava preocupado em informar sobre as últimas descobertas para uma vida longa e saudável. No dia 10/08/2007, o *Globo Repórter* exibiu o programa *Campeões da Nutrição* e apresentou os alimentos mais saudáveis para os brasileiro através de uma lista exclusiva preparada pelas principais universidades do país. No *Globo Repórter* exibido no dia 23/05/2008 sobre o humor, o sorriso é considerado um atestado de saúde. O exercício também é tratada como fundamental para uma vida saudável. No programa *Mexa-se*, do dia 18/07/2008, o *Globo Repórter* buscou informar sobre o melhor exercício para quem não gosta de se mexer.

Em programas exibidos com o selo ciência, o *Globo Repórter* toma para si o lugar de mediar as informações entre os especialistas (fontes) e as pessoas comuns (leigas), como anuncia o apresentador no programa *Novos Velhos*, exibido no dia 27/06/2008: *E o conselho dos especialistas: o que fazer para chegar bem à velhice?* Nessa edição, foi consultado Roberto Lourenço, professor de geriatria da UERJ, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Os especialistas, principalmente médicos e pesquisadores, detêm o saber técnico e oferecem credibilidade à informação. São eles os responsáveis por responder à pergunta proposta pelo programa e supostamente

¹⁴ Globo Repórter exibido no dia 03/08/2007 com o selo aventura.

¹⁵ Globo Repórter exibido no dia 02/05/2008 com o selo aventura.

compartilhada pela população. O *Globo Repórter* cria perguntas para poder respondê-las. O programa apresenta “soluções” para problemas que afetam os brasileiros (a audiência) em forma de receitas: *no Globo Repórter de hoje receita de vida longa e saudável*. Portanto, para alcançar os resultados anunciados no programa, *vida longa e saudável*, basta seguir as indicações. As pessoas comuns servem para ilustrar uma situação, informar sobre serviços, para confirmar que uma proposta deu certo, que uma terapia funciona, portanto, como vozes comprobatórias daquilo que é dito pelos especialistas.

O programa trata as mais diferentes questões a partir de um enfoque positivo. Os exemplos escolhidos são de sucesso e superação. No programa sobre os *Novos Velhos*, o *Globo Repórter* construiu uma visão otimista da velhice. O programa utiliza diversos exemplos para defender a tese de que *considerar idade sinônimo de limitação está ficando cada vez mais antigo, totalmente fora de moda*. Portanto, os idosos apresentados no programa são ativos e dinâmicos. O clima é de alegria, os idosos fazem aulas de dança, são independentes, moram sozinhos. Há também idosos com histórias de maior apelo emocional, seja porque passaram pela superação de alguma doença ou por perdas afetivas. Nesses casos, o programa ressalta o apoio recebido por profissionais e principalmente pela família. O objetivo do programa é que essas histórias sirvam de exemplo para pessoas que vivem ou viveram situações semelhantes. Mostrar que, apesar de tudo, é possível ser feliz.

O telejornalismo praticado pelo programa se preocupa em dar nome e rosto aos fatos utilizando-se de “personagens”, isto é, pessoas com histórias distintas, que servem para ilustrar uma informação. Como a dona de casa Acyr Magalhães, de 84 anos, que é filmada andando pela cidade do Rio de Janeiro. Ela serve de gancho para uma informação geral, que nos é dada em off, pelo repórter: *Ela vive do outro lado da Baía de Guanabara, no centro de Niterói, uma das cidades com o maior percentual de idosos do estado do Rio de Janeiro. Sofre as agruras que toda pessoa de idade enfrenta nas grandes cidades, como São Paulo ou Rio de Janeiro, em plena Praia de Copacabana*. Portanto, Dona Acyr Magalhães serve como exemplo de um grupo

muito maior, os idosos que vivem em grandes cidades brasileiras. Sobre as agruras da idade, o repórter informa: *o tempo passa para todos e provoca mudanças inevitáveis no nosso corpo. Dificuldade para ver e ouvir, perda de equilíbrio e força nos músculos, falta de atenção. E aí, um passo em falso pode ser um perigo.* A partir da exposição do problema, o *Globo Repórter* aponta uma solução: a aula de prevenção de quedas, criada pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e adotada pelo *Programa Viva Idoso*, da prefeitura de Niterói. A partir daí, conhecemos mais sobre o funcionamento do programa, são exibidas imagens de aulas e de entrevistas com profissionais envolvidos no projeto. O *Globo Repórter* também usa dados oficiais e estatísticos para justificar e dar relevância ao assunto. Segundo uma passagem do repórter, *o Ministério da Saúde considera que as quedas e suas conseqüências já estão assumindo as dimensões de uma epidemia. Por ano, 93 mil idosos são internados no Brasil por causa de tombos.* A partir daí, entrevistas com idosos reforçam os dados estatísticos. *Eu caí umas sete vezes*, nos conta a dona de casa Juraci Alice Lobo, de 71 anos. *Eu perdi o equilíbrio e fui de cara no chão. Abri a testa, o nariz todo, os dentes da frente e o joelho*, revela a aposentada Maria Ercília Baronto Flores, de 85 anos.

Além dos especialistas, outra forma do *Globo Repórter* dar credibilidade à informação é dando destaque ao modo de produção da notícia a partir de palavras como o programa pesquisou, testou, provou, isto é, foi atrás e apurou a informação. No *Globo Repórter* sobre crédito fácil, por exemplo, após interpelar três vezes o público - *Vale a pena comprar a prazo? Fazer empréstimos no banco? Apelar para o famoso crédito?* - Sérgio Chapelin nos informa: *O Globo Repórter investiga os negócios à prestação.* Também faz referência ao repórter, valorizando o trabalho desse profissional, que tanto investiga como testemunha os acontecimentos. *Mas porque afinal as financeiras brigam tanto por um cliente? Nosso repórter entra na fila do dinheiro fácil e descobre o motivo.* Outra forma encontrada pelo programa de enfatizar a verdade de uma informação é pela interpelação direta feita pelo apresentador em relação a audiência. No programa sobre os *Mistérios do Cérebro*, Sérgio Chapelin pede, logo no início da frase, que o público acredite no que vai ser dito em seqüência. Ele diz:

Acredite...sol faz muito bem à nossa cabeça. Dessa forma, ele também magnifica a notícia, aumenta a sua importância, transforma uma informação banal, quase senso comum, em algo novo e surpreendente.

Com o selo comportamento, o *Globo Repórter* faz um retrato do país. No dia 14.12.2007 foi exibido um programa sobre *Paixão* que se propôs a revelar *histórias inacreditáveis*. No dia 25.04.2008 foi exibido o programa *Vida de Gari*, que contou *histórias curiosas e emocionantes de brasileiros que cuidam da limpeza das grandes cidades*. O programa do dia 09.05.2008 falou das *Novas Famílias* a partir do modo *como pais e filhos se relacionam atualmente*. Esses programas partem de histórias individuais para demonstrar tendências de comportamento e modos de vida do brasileiro nos dias de hoje. Com o selo atualidades, aparece uma maior diversidade de assuntos. É aqui que se encaixam as reportagens de serviço, como a exibida no dia 25.07.2008 sobre *Crédito Fácil*. Nesses casos, o programa aconselha, orienta o telespectador/consumidor sobre o melhor modo de proceder numa determinada situação ou como evitar problemas futuros. No programa em questão, o *Globo Repórter* denunciou o mercado fácil de crediário, que fornece empréstimos à jurus altíssimos, e alertou a população para negócios desse tipo. Ao mesmo tempo, com a ajuda de um especialista, um professor de economia da USP, ensinou o consumidor a calcular os jurus de compras à prestação, escolher o melhor crediário, evitar dívidas e se livrar daquelas que já foram adquiridas.

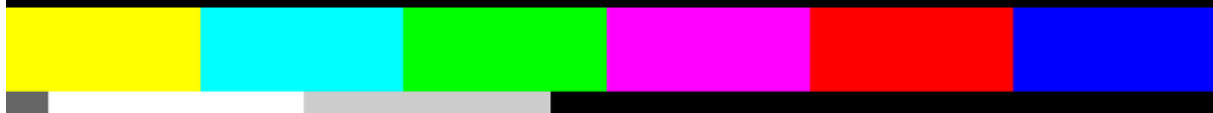
Em qualquer edição do *Globo Repórter*, a fala dos mediadores é direcionada aos brasileiros. Como o *Globo Repórter* é exibido em rede, o telespectador pretendido pelo programa encontra-se em qualquer parte do território nacional. Dessa forma, o programa constrói entre as pessoas uma proximidade geográfica, uma identidade comum. Trata os telespectadores por aquilo que os une, a nacionalidade, e ignora as diferenças dos diversos estados e regiões brasileiras. Da mesma forma, aqueles que aparecem no programa são representações do povo brasileiro, o que fica evidente no texto de Sérgio Chapelin, logo na abertura do programa *Educar para Mudar*, exibido no dia 22 de julho de 2005. *É preciso dar uma chance a milhões de brasileirinhos que*

ainda trabalham na hora de brincar, como Matheus. Acredite, com cinco anos, ele quebra coco com porrete e machado para ajudar a família. Outros exemplos apontam para essa preocupação do *Globo Repórter* de abranger o território nacional. No programa sobre os *Mistérios do Cérebro*, exibido no dia 26 de agosto de 2006, falando da relação entre os alimentos e o funcionamento do cérebro, o repórter, em *off*, toma como exemplo o feijão e o arroz, nas suas palavras: *o prato típico do brasileiro*. Ele diz: *A ciência já estuda a relação entre os alimentos e o funcionamento do cérebro. Duas universidades gaúchas, a Federal e a Unisinos, estão pesquisando juntas quanto a nossa dieta pode oferecer nutrientes essenciais para melhorar a comunicação entre as células do cérebro. É o caso por exemplo do arroz com feijão, o prato típico do brasileiro, que ajuda a manter o cérebro funcionando bem*. Nos programas de viagem, o *Globo Repórter* fala do estrangeiro, preferencialmente, a partir de brasileiros que vivem ou passeiam por lá. Na edição sobre a Turquia conhecemos Clara Süssekind, uma carioca de Copacabana, que é bailarina e vive há mais de um ano no país. Em lugares turísticos, como a casa de Maria, mãe de Jesus, o repórter Edney Silvestre entrevista duas brasileiras que estão a passeio na Turquia. Elas relatam a emoção que sentem ali. Ao final, se despedem do repórter com um abraço caloroso. Além dos brasileiros que viajam como turistas, o repórter entrevista um casal formado por uma brasileira e um brasileiro descendente de turco, que vive há 24 anos no país. O programa, portanto, oferece diferentes exemplos de trajetórias de brasileiros na Turquia.

De modo a abarcar uma diversidade de telespectadores, o *Globo Repórter* optou por endereçar-se de maneira bastante didática. O *Globo Repórter* veiculado hoje quer ser compreendido pelo público mais diverso, telespectadores com maior ou menor capacidade interpretativa e bagagem cultural. Por isso o programa investe no didatismo. A fala pausada e bem articulada do apresentador e repórter demonstram cuidado com a clareza da informação, que deve ser acessível a todos, pessoas de diferentes níveis social, econômico e cultural. Além disso, é comum o uso de perguntas como recurso didático. No programa do dia 25.07.2008, sobre *Crédito Fácil*, Sérgio Chapelin faz as seguintes indagações: *Vale à pena comprar a prazo?*

Fazer empréstimos no banco? Apelar para o famoso crédito? O apresentador, ao lançar perguntas ao telespectador, não espera que as respostas venham do público. O programa nem mesmo oferece meios para isso. Elas são estratégias retóricas que traduzem aquilo que o *Globo Repórter* acredita ser de interesse do telespectador, aquilo que o público quer saber. Ao formulá-las, o programa já possui as respostas. São as respostas que guiam a formulação das perguntas e não o contrário. Portanto, só valem perguntas para as quais as respostas estão prontas. É o programa que deve oferecer respostas, essa é a tarefa do *Globo Repórter*. As perguntas também indicam a direção (enquadramento) escolhida pelo programa ao abordar um assunto específico. Além disso, as perguntas não servem a um debate, crítica ou reflexão, mesmo quando os assuntos são polêmicos ou tratam de problemas crônicos da sociedade civil, como a questão educacional ou a questão ambiental. *Conhecemos uma escola sem paredes, alunos curiosos, professores dispostos a novas experiências. É uma receita tentadora. Como o ensino público pode ficar mais atraente?* Como resposta a essa pergunta, o programa nos oferece uma receita, ou seja, algo que pode ser seguido passo a passo pela audiência. Ou ainda: *A nossa equipe percorreu os lugares mais pobres do nosso país, como os jovens desses bairros encontram a profissão?* Aqui, já está dito que a equipe do programa percorreu esses bairros, portanto, encontrou a resposta para a pergunta proposta. Chapelin nos diz: *São Paulo. O que aconteceu no dia em que em uma hora, a chuva de um mês e meio despençou pela cidade?* Para essa pergunta já está preparada uma reportagem que acompanhou o tal dia de chuva. Nesses casos, as respostas simplificam questões complexas, que estão longe de serem aprofundadas no programa.

Há entre o programa e o telespectador uma relação desigual, análoga à situação hierárquica de uma sala de aula, onde o professor, representado pela figura do Sérgio Chapelin, possui um conhecimento que será transmitido aos alunos, os telespectadores, tratados como desprovidos desse saber. Um bom professor deve ser compreendido por todos. Para isso, o programa também faz uso de recursos audiovisuais diversos como gráficos, tabelas, trilha sonora, diagramações visuais, tudo isso para deixar os assuntos mais acessíveis aos telespectadores. O *Globo*



Repórter que tratou de aspectos neurológicos (portanto, não visíveis à olho nu), recorreu à computação gráfica para facilitar a compreensão dos telespectadores em relação à anatomia do cérebro e de seu funcionamento. Na medida em que a voz *off* explicava o lugar responsável por determinadas emoções, essa parte do órgão era identificada por uma mudança de cor e por uma aproximação na imagem. Além disso, certas palavras chave apareciam escritas na tela à medida em que eram ditas pelo narrador: *O cérebro tem menos de 5% da massa total do corpo* (aparece escrito na tela – menos de 5% da massa total), *mas gasta mais de 20% de todo o oxigênio que a gente respira* (aparece escrito na tela - 20% de Oxigênio). *Com tanto oxigênio concentrado num espaço tão pequeno* (é dado um zoom na imagem do cérebro e aparecem vários símbolos de O₂), *pode acontecer com o cérebro o que acontece com um pedaço de metal em contato com o ar, a oxidação* (aparece a palavra oxidação na tela), *é como se ele enferrujasse*. Esse texto serve também para ilustrar o uso de analogias, *pode acontecer com o cérebro o que acontece com um pedaço de metal*, a fim de facilitar a compreensão do que está sendo explicado, o que reforça o didatismo do programa.

No Globo Repórter a narração feita pelo repórter no interior da reportagem cumpre diversas funções. É através da voz em *off* que temos acesso às informações adicionais, complementares à fala dos especialistas, e que são validadas por eles, as fontes da informação. *Hoje, 80 milhões de brasileiros, quase metade da população do país, têm algum dívida*, nos informa o repórter Paulo Renato Soares. Também cabe ao narrador apresentar os personagens e fazer a costura de momentos distintos da reportagem, de ligar diferentes pessoas e lugares de modo a dar unidade ao programa e manter o seu foco temático. A passagem de uma reportagem a outra, isto é, de um desdobramento a outro do tema, também é feita pelos intervalos comerciais.

O *Globo Repórter* apresenta a preocupação em finalizar com mensagens positivas e de esperança. O programa é construído de forma que ele chegue ao final com otimismo, com a idéia da construção de um mundo melhor. No *Globo Repórter* sobre

educação, por exemplo, o narrador, ao finalizar a reportagem sobre um menino que vive numa casa de adoção, nos diz a seguinte frase, em tom emotivo e nacionalista: *por destino ou por coincidência, nossas cores estão com ele, o menino que sente saudade. O calção verde, a blusa amarela e o céu azul e branco. Mas para a criança sempre há um toque de esperança, nas muitas cores do arco-íris* (congela a imagem do menino que brinca sozinho no parque da instituição, na seqüência, surge no céu, por computação gráfica, a imagem de um arco-íris). Tudo isso é acompanhado por uma trilha musical melódica e sentimental, que continua enquanto surgem os créditos finais, de toda a equipe do *Globo Repórter*, sobre a imagem do garoto.

Conclusão:

O *Globo Repórter* é um programa que trata os temas a partir de um mesmo formato, que se encaixa em qualquer assunto, apesar de algumas especificidades surgirem em função do enfoque temático. Sobre as regularidades, elas nos falam do modo de endereçamento do programa, daquilo que lhe dá unidade e cria um modo específico deste se relacionar com a audiência. O *Globo Repórter* escolhe um tema por edição. É um programa que investe na credibilidade da informação, seja através da presença de especialistas ou do repórter, que é valorizado como testemunha do acontecimento. As pessoas comuns e suas histórias servem para ilustrar uma situação ou provar uma determinada tese. Ao disponibilizar a informação, o programa investe em diferentes recursos narrativos e de atração para atrair a atenção do telespectador. Portanto, a informação nunca é dada pura e simplesmente, mas ganha contornos de algo surpreendente, inédito, fascinante, espetacular. Estratégias usadas para provocar excitação, drama, espetáculo e fascínio são aplicáveis tanto à ficção, como à não ficção. Mas elas aparecem em programas jornalísticos de televisão com força cada vez maior. É comum nos dias de hoje que programas tradicionalmente destinados à informação utilize estratégias narrativas mais associadas à ficção. Por isso, a discussão sobre a relação entre a informação e o entretenimento está na ordem do dia nos debates acadêmicos, o que tem sido traduzido pela expressão *infotainment*. Há os que defendem e os que abominam essa aproximação. Mas, em qualquer caso, não há

como negar essa dimensão do telejornalismo hoje, que nos diz do modo como o jornalismo de informação tem se desenvolvido na disputa pela audiência. E o *Globo Repórter*, como vimos, escapa e muito a dimensão meramente informativa. Nos dias de hoje, as pessoas têm fontes diversas para buscar a informação. O programa oferece algo a mais para seduzir a audiência. O *Globo Repórter* investe em elementos narrativos e de atração que acessam outras dimensões humanas, que não as cognitivas, apenas. Trata-se das dimensões afetivas, sensoriais e de prazer dos telespectadores. Mas isso não implica, necessariamente, num enfraquecimento da função informativa do programa. Aliás, uma forte preocupação do programa é em ser claro e acessível para qualquer um. Por isso, a opção do *Globo Repórter* é por um endereçamento didático. O programa formula perguntas para as quais as respostas já estão prontas. Para qualquer problema, o programa fornece soluções, ou melhor, receitas. Portanto, basta seguir as instruções. A postura de Sérgio Chapelin se assemelha a de um professor, que fala de maneira pausada a fim de ser compreendido por todos. Dessa forma, o *Globo Repórter* evita a reflexão, a discussão e o debate, mesmo quando se trata de problemas complexos e crônicos da sociedade. Assim, evita-se o conflito e opta-se pelo consenso. O telespectador não é convidado ao pensamento, ele é o receptor daquilo que o programa foi buscar e investigar para ele e que é oferecido de forma mastigada, didática, mesmo que com uma roupagem narrativa ou espetacular. Essas estratégias revelam muito do modo como o *Globo Repórter* se relaciona com a sua audiência e como traduz a promessa de profundidade feita pelo programa.

Referências Bibliográficas:

BARBERO, Jésus-Martin. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

EKSTROM Mats, *Information, storytelling and attractions: TV journalism in three modes of communication*. In Media Culture Society, 2000.

GOMES, Itania Maria Mota. Telejornalismo de qualidade: pressupostos teóricos-metodológicos para análise. In UNIrevista, v. 1(3), jul. 2006. Disponível em: www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Gomes.pdf.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de Método na análise de telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, abr. 2007.

GOMES, Itania Maria Mota. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico, in DUARTE, Elizabeth Bastos & CASTRO, Maria Lilia Dias (or.). Em torno das mídias: práticas e ambiências, Porto Alegre: Sulina, 2008, p. 95-112.